

SOROCABA, SP, 13 DE JULHO DE 2001

Meu caro Governador Geraldo Alckmin; os Ministros de Estado que me acompanham; meu amigo Prefeito de Sorocaba, Renato Mário; Dona Maria Lúcia; o Secretário de Energia de São Paulo, Doutor Mauro Arce; Prefeitos da região, que tão gentilmente vieram se juntar a nós aqui; os Presidentes, Colaboradores, Ana Luíza, a família Bardella em geral; Senhoras e Senhores,

Em primeiro lugar, quero dizer que me sinto feliz de estar vindo aqui e me encontrar entre tantos amigos aqui da região de Sorocaba, região que me é cara, que conheço há muitíssimo tempo, até porque, quando ainda posso descansar, o que é raríssimo, às vezes dou uma escapada e vou aqui a Ibiúna, que não fica tão longe de Sorocaba, de São Roque, de toda essa região tão querida. Tive a possibilidade de visitar esta região, e tantas vezes o fiz, desde o tempo do meu pai – que foi deputado federal e teve uma votação sempre muito expressiva aqui em Sorocaba –, isso quando a maioria de vocês não havia nascido ainda, nos anos 50. É uma região que é muito cara a mim e tem um significado muito especial para São Paulo e para o Brasil. Sorocaba foi um ponto de encontro entre

o Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Esse encontro é sempre bom quando é feito em São Paulo, quando junta Minas Gerais e o Rio Grande do Sul aqui. É uma maravilha para o Brasil.

E era aqui porque aqui vinham os tropeiros que traziam mulas do Sul que eram levadas para a exploração do ouro em Minas Gerais, no século XVIII. Foi assim que nasceu Sorocaba, como um dos grandes pontos de integração nacional. Ainda agora, chegando aqui, de helicóptero, mesmo sendo conhecedor da região, como eu vim com o Ministro José Jorge, que é de Pernambuco, provoquei-o um pouquinho, e disse: “Olha, a gente nota que está em São Paulo.” “É, realmente, me parece a Europa”, disse ele. Mas, realmente, se vê a pujança dessa região. Nós estávamos vendo a parte agrícola. Ao chegar aqui são fábricas que não terminam mais. Então, é muita satisfação estar aqui.

Mas há uma outra razão, também, de ordem particular, pessoal, para estar hoje na fábrica do meu amigo Cláudio. Eu gostaria de estar onde ele está hoje. Mas de qualquer maneira eu lhe peço, Ana Luíza, que dê um abraço muito grande a ele. Não pude vir nos 100 anos. Mande uma carta. Mas agora estamos aqui para ver essa maravilha que é a transformação do Brasil e uma fábrica que tem 100 anos.

Estava olhando, vi, em modelo, o que vai acontecer em Tucuruí, nessas eclusas. O extraordinário em tudo isto aqui, esta massa imensa de aço, de ferro, é conceber tudo isto. É conceber tudo isto, ter essa precisão, desenvolver tecnologia nacional, como se desenvolve aqui. Então, é por essa razão, também, que é com muita satisfação que venho aqui, para mostrar ao Brasil que nós temos bons industriais. São muitos bons industriais. São brasileiros e vão continuar sendo brasileiros. Vamos avançar com a indústria brasileira.

Só os que não andam pelo Brasil, só os que não vêem é que pensam que o Brasil perdeu capacidade produtiva. Não. Ganhou. Ganhou muita. Há multinacionais aqui. A Bardella trabalha em associação com algumas delas. Mas temos que ter sempre a preocupação de ter aquilo que é feito por brasileiros. Porque fazer uma fábrica não é só aquele que imagina a parte de desenvolvimento de processo, de metodologia, etc., etc. Não é só o empresário que coloca recurso, que gerencia. São vocês, são os que, real-

mente, fazem com que a coisa possa acontecer. Só nós é que somos capazes de fazer com essa energia com que os brasileiros sabem fazer. Recebo muita gente que vem de fora e todos, sem exceção, dizem: “Como é que isso, como é que aquilo, na situação econômica, na situação política?” E todos dizem: tem boa gente qualificada, tem bons colaboradores. E é verdade. Nós temos capacidade de produzir, e essa capacidade de produzir não depende só de quem é engenheiro, depende de todos nós e dessa capacidade de coesão que o brasileiro tem. E essa é outra razão pela qual vim aqui. É porque nós estamos assistindo a um momento de afirmação nacional. Pode parecer paradoxal que, num momento de dificuldade, uma crise, que é séria, tem como resposta a coesão nacional. Não se viu aí diferenças de cor política. As pessoas entenderam, em primeiro lugar, o Brasil. Em primeiro lugar o Brasil, e estão unidas nesse esforço.

Hoje, tive uma outra boa notícia. O Ministro José Jorge me disse, no avião, que lá em Brasília, 8 mil pessoas não pagaram conta de energia porque economizaram mais do que o bônus a que elas tinham direito. Então zerou a conta de energia.

Não é o fato de ter zerado só que é bom para quem conseguiu zerar. Isso mostra o empenho da população em conseguir fazer tanto sacrifício para ajudar o País. E é natural que, tendo ajudado tanto, que receba alguma compensação pelo fato de ter ajudado. São pessoas que consumiam menos de 100 watts, ou seja, não é o setor mais acomodado da sociedade, e está se sacrificando pelo País.

De modo que tenho muitas razões para estar aqui visitando aqueles que ajudam a superação dessa crise. Aqui, vocês estão ajudando a superação dessa crise. Estamos antecipando a programação agora mesmo da eclusa, das usinas, das turbinas. Tenho visto o que está acontecendo. É um esforço nacional para superar a dificuldade. Isso mostra que nós somos, realmente, um grande país, porque temos um grande povo, e um povo que, nas horas difíceis, sabe se unir.

Quero, realmente, testemunhar esse processo que está acontecendo no País, pedir que os nossos meios de comunicação, que são o elo fundamental do País, digam, mostrem: primeiro, que temos fábrica. Segundo,

que elas estão trabalhando. Terceiro, que nós temos confiança. E quarto, que nós vamos superar mais essa dificuldade e sair dessa crise mais fortes do que antes, porque nós vamos, também, ter aprendido que dá para economizar, que desperdício é ruim.

É ruim o desperdício de energia, é ruim o desperdício de água, é ruim o desperdício de comida, sobretudo num país como o nosso, que ainda é pobre, ou se não é pobre, tem muito pobre, que é pior talvez que se todo o País fosse pobre, porque tem uma injustiça social ainda muito grande. Temos que lutar de todas as maneiras para superar essa injustiça. Isso não se faz por milagre, não se faz por uma decisão lá de Brasília. Isso se faz com a cooperação de todos nós. Quando nós aprendemos a economizar, de alguma maneira nós estamos, também, ajudando o País a poder ter mais recursos para aqueles que necessitam mais desses recursos.

Quero agradecer muitíssimo. Voltarei amanhã para Brasília mais re-comfortado, sobretudo porque vim aqui a São Paulo e vi o esforço que é efetivo, da gente paulista, do Governador de São Paulo, que tem desempenhado, realmente, com muita proficiência o seu papel. Volto com cada vez mais convicção de que vamos em frente.

Parabéns a todos os colaboradores do Cláudio Bardella. Renovo o meu abraço ao Cláudio. Ana Luíza, diga a ele: “Que inveja!”

Muito obrigado.